

**REFERÊNCIA:**

LEFFA, Vilson J. A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no *VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplica*. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

A LINGÜÍSTICA APLICADA E SEU  
COMPROMISSO COM A SOCIEDADE

Vilson J. LEFFA (Universidade Católica de Pelotas)

*ABSTRACT: The article analyzes trends and priorities in Applied Linguistics. It is argued that the area has a commitment to society, both in terms of teaching and research. The experience it has with diversity and inter-disciplinary approaches is viewed as an asset for the solution of many of the problems where language is used.*

*KEYWORDS: Applied Linguistics; inter-disciplinarity; methodology*

## 0. Introdução

Uma diferença importante entre o texto literário e o texto científico, não destacado pela literatura da área, é a necessidade de mostrar e ocultar o esforço despendido na produção de um e outro texto. No texto literário todo o esforço feito pelo autor não deve transparecer no texto. Flaubert pode ter reescrito *Madame Bovary* cinqüenta vezes e Hemingway pode ter refeito *O velho e o mar* mais de trinta, mas nada desse esforço deve ser percebido no texto; a impressão do leitor deve ser de que o texto foi produzido numa versão única e definitiva, fruto da inspiração do autor, sem necessidade de transpiração. Assis Brasil, no romance *O pintor de retratos*, falando de pintura, diz que as pinceladas devem ficar invisíveis e que “um quadro deve parecer que ninguém o pintou” (Assis Brasil, 2001, p. 18). No texto literário, como em outras obras de

arte, não há lugar para mostrar o esforço do próprio autor, que deve desaparecer na fruição da obra, seja pela leitura ou pela contemplação. No texto científico acontece o contrário; é altamente recomendável que se mostre o esforço que se despendeu para se dizer o que se está dizendo. Daí, por exemplo, a necessidade de explicitar a própria metodologia usada para a obtenção dos dados; quanto mais o autor mostrar o empenho que teve em conseguir dados confiáveis, em aprofundar a análise realizada, talvez até replicando alguns estudos, voltando aos sujeitos pesquisados e incluindo outros – toda a demonstração desse esforço contribui para a validação do que está sendo afirmado. A leitura de um texto onde se percebe apenas inspiração do autor, sem transpiração, a meu ver, desqualifica o texto científico. Esta diferença para mim é importante porque vou apresentar aqui um texto que classifico não como literário, mas como científico – e sinto necessidade de mostrar de onde vem este texto. O que vou dizer aqui não é fruto de uma contemplação momentânea ou de uma musa inspiradora, mas – muito pelo contrário – está baseado na rotina quase diária da pesquisa – minha e dos outros, mas principalmente dos outros – incluindo análise de projetos para a emissão de pareceres, a leitura de inúmeros manuscritos para possível publicação, orientação de alunos, etc. Falo, então, da minha experiência acumulada no trabalho de pesquisa em Linguística Aplicada, como ex-presidente da ALAB, coordenador de eventos na área, editor da revista Linguagem & Ensino, coordenador de uma coleção de livros sobre Linguística Aplicada e compilador do CD-ROM TELA (Textos em Linguística Aplicada). São alguns anos de contato diário com textos produzidos por pesquisadores brasileiros, emergentes e consolidados. O que vou dizer aqui, portanto, reflete minha percepção desse fazimento da pesquisa. Vou tentar abstrair de todo esse corpus o que acredito ser a essência da pesquisa em nossa área, detectar algumas tendências e principalmente sugerir algumas prioridades.

## 1. Especialização na diversidade

Sabemos que a comunicação não acontece sozinha; tipicamente é um ato coletivo que envolve sempre duas ou mais pessoas, interagindo através da linguagem. Pode-se afirmar, com certa tranquilidade, que a linguagem nunca é usada apenas para consumo individual. O monólogo, como uma fala sem interlocutor, não existe. No exemplo clássico do teatro, o monólogo acontece entre o ator e toda a platéia. No exemplo de uma fala interna, haverá sempre um interlocutor representado. Mesmo quando se fala sozinho, fala-se para alguém. Pode ser um ensaio de algo que se vai falar mais tarde, uma entrevista para um emprego, um encontro, uma discussão interrompida. Sempre que se reflete, está-se refletindo dialogicamente – mesmo que seja um diálogo consigo mesmo. Essa perspectiva dialógica mostra que a língua pode ser vista não apenas como um conhecimento abstrato na cabeça das pessoas, não um conhecimento governado por estruturas, restrições ou regras, em nível de hipóteses, mas algo concreto que acontece entre as pessoas no mundo físico e real. Põe-se, portanto, a ênfase, não naquilo que acontece *dentro* das pessoas, mas naquilo que acontece *entre* as pessoas. Este é, como sabemos, o campo privilegiado da Lingüística Aplicada: o estudo da língua em uso: a linguagem como acontece na sala de aula ou na empresa, falada por uma criança ou por uma pessoa de idade, expressando uma idéia ou uma emoção, etc. Atualmente, com a expansão geográfica das comunidades discursivas, na medida em que podemos interagir praticamente com qualquer pessoa em qualquer lugar do planeta, rompendo definitivamente o aqui e o agora, vemos a necessidade de incorporar outros saberes, outras maneiras de interagir, outros tipos de relacionamento. Além da diversidade lingüístico-cultural, com a

qual nós, da Lingüística Aplicada, já convivíamos há bastante tempo, temos agora também essa diversidade dos processos de intermediação entre as pessoas. O predomínio da voz na comunicação, incluindo a presença do corpo através de gestos, postura, etc. tem diminuído bastante. A língua, como parte do corpo responsável pela fala, tem cedido espaço aos dedos; pessoalmente já começo a ficar em dúvida se uso mais a língua ou os dedos no teclado quando me comunico com as pessoas. Até que ponto essas novas tecnologias afetam a linguagem entre as pessoas é mais um aspecto a considerar no estudo da comunicação. Se por um lado é a mesma pessoa que fala, favorecendo uma abordagem unificadora e, a meu ver, mais fácil de ser tratada porque incorpora o que já conhecemos – por outro lado, as novas tecnologias introduzem mudanças que afetam a comunicação e nos obrigam a reconsiderar o que já parecia estar estabelecido. Pesquisar um fenômeno que ocorre sempre da mesma maneira, dentro dos mesmos padrões de regularidade, já é um desafio para o pesquisador. Estudar um fenômeno que muda entre o início e o fim da própria pesquisa é um desafio bem maior; quando termina o estudo o objeto inicial já se transformou em algo diferente. A mobilidade desse objeto exige, portanto, um paradigma de pesquisa altamente adaptável, que seja capaz de incorporar essas mudanças no momento em que elas ocorrem, uma espécie de “just in time” metodológico. Daí, o grande desafio da pesquisa em Lingüística Aplicada. Para explicar esse desafio da maneira mais breve possível, eu gostaria de usar aqui uma metáfora: pesquisar em Lingüística Aplicada é como pesquisar petróleo no mar: precisamos abandonar o conforto de caminhar em terra firme, com balizas enterradas no chão, e aprender a navegar, assestando nossos instrumentos em plataformas móveis. A dificuldade numa plataforma móvel é manter o rumo; um rumo que não é o da lingüística, nem da psicologia, nem da antropologia, nem de qualquer outra ciência com a qual nos avizinhamos; temos um

rumo que é o da Lingüística Aplicada. Não é por conviver com a diversidade e beber de várias fontes de conhecimento, que deixamos de ter uma especialidade. Nossa especialidade é justamente essa diversidade que é o estudo da língua não como uma entidade abstrata na cabeça do indivíduo, mas como um instrumento de uso para a comunicação entre as pessoas em diferentes contextos. A diversidade é nossa especialização. Está aí, a meu ver, a essência da pesquisa em nossa área.

## 2. Compromisso com a sociedade

A importância que a Lingüística Aplicada assumiu entre as demais áreas de conhecimento deve-se, certamente, a vários fatores, mas eu destacaria aqui, como um dos principais, a capacidade da disciplina em responder ao que a sociedade precisa. Na medida em que muitas dessas necessidades se relacionam a questões de linguagem, num mundo em que as distâncias geográficas diminuem e as pessoas precisam se comunicar em contextos cada vez mais diversificados, a Lingüística Aplicada é a ciência que parece talhada para atender a essas necessidades. Qualquer ciência tem a obrigação de dar um retorno à sociedade. A Lingüística Aplicada dá esse retorno de duas maneiras: através da prestação de serviços e pela pesquisa. Embora um aspecto embase o outro e seja às vezes difícil separar o que é serviço do que é pesquisa, eu faço aqui essa diferença para fins de exposição.

A Lingüística Aplicada é uma prestadora de serviços quando assessora, por exemplo, o professor na preparação de material de ensino de línguas, materna ou não, quando aprimora um instrumento de trabalho para o tradutor que precisa verter um texto de uma língua para outra; quando auxilia um profissional na maneira como ele deve tratar seu cliente para obter resultados mais satisfatórios. Em todas as situações onde duas ou mais pessoas

interagem através da linguagem, a Lingüística Aplicada pode interferir para tornar a interação mais eficaz, chamando a atenção para as barreiras que devem ser evitadas, e oferecendo estratégias para acelerar os procedimentos que devem ser intensificados. É o aspecto essencialmente prático da Lingüística Aplicada – envolvendo o que *não* fazer e o que *fazer*, o que deve ser *evitado* e o que deve ser *estimulado*.

A prestação de serviços não deve ser feita apenas a partir daquilo que se tem para oferecer, mas também a partir daquilo que a sociedade precisa. Constantemente somos bombardeados com a oferta de produtos para o qual não temos a menor necessidade, quando, por outro lado, temos tantas necessidades que não são atendidas.

Vivemos numa sociedade que está em constante desequilíbrio entre o que se oferece e o que se procura. Se às vezes parece que encontramos aquilo que procuramos, acabamos descobrindo que se trata apenas de mais um paliativo, que pode produzir um alívio temporário mas que acaba exacerbando a necessidade que tínhamos.

O ideal, portanto, quando se presta um serviço, é que se possa oferecer ao cliente aquilo que ele realmente esteja procurando num determinado momento. A meu ver, a necessidade de contato entre as pessoas nunca foi tão intensa como agora, não só de contatos interacionais e afetivos, mas também de contatos transacionais. Na medida em que todos esses contatos se dão através do uso da linguagem, as necessidades de consultoria nessa área aumentam em proporções geométricas.

É onde entra a Lingüística Aplicada. Talvez por uma coincidência histórica, por já estarmos estudando a linguagem que as pessoas usam quando interagem, estejamos agora preparados para prestar esse tipo de serviço. Não apenas atendemos a uma necessidade realmente sentida, mas somos a área em melhores condições de prestar este serviço profissional, de modo confiável e competente. Podemos dar um retorno à sociedade não

apenas através da prestação de serviços mas também através da pesquisa. Aqui o retorno pode ser dado de duas maneiras: pelo problema pesquisado e pela maneira como se conduz a pesquisa.

Em termos de problema pesquisado, podemos dizer que em Lingüística Aplicada, não criamos problema para pesquisar, mas pesquisamos os problemas que já existem. Não trazemos o problema para o laboratório, limpo e desinfetado, cuidadosamente desembaraçado de todas as variáveis que possam atrapalhar ou sujar nossas hipóteses. Fazemos o caminho inverso. Saímos do laboratório e vamos pesquisar o problema onde ele estiver: na sala de aula, na empresa ou na rua.

Figurativamente falando, sujamos as mãos na pesquisa. Fazemos o que já dizia Goodman na década de 60, ao afirmar que sua pesquisa sobre leitura era feita com alunos de verdade em aulas de verdade. Conforme Tucker (1996), a Lingüística Aplicada é “um meio de ajudar a resolver problemas específicos da sociedade onde a linguagem está envolvida”. A imersão na realidade e o tratamento dos problemas como eles se encontram – não como gostaríamos de encontrá-los – oferece, é claro, vantagens e desvantagens. A principal desvantagem é a dificuldade de lidar com a quantidade de dados que aparecem. A vantagem maior é a relevância social dos problemas pesquisados. Não se pesquisa para explicar uma teoria; pesquisa-se principalmente para resolver um problema, e por isso, está-se mais próximo de dar um retorno à sociedade.

O outro retorno é dado pela maneira como se conduz a pesquisa em Lingüística Aplicada. O conhecimento é construído não pela extração de dados a partir de informantes previamente selecionados, mas pela convivência com esses informantes – que ajudam a construir o conhecimento, do qual muitas vezes serão os primeiros a se beneficiarem. Elimina-se a distinção entre pesquisador e pesquisado. Todos participam das diferentes fases do processo de investigação, alçando-se a uma categoria superior a de meros informantes. A

Linguística Aplicada não trabalha com informantes: requer no mínimo participantes; em geral trabalha com colaboradores, sejam eles pesquisadores, professores ou alunos. A maneira participativa e colaborativa de pesquisar é provavelmente a única maneira de se produzir novos saberes – hoje e no futuro. O homem de conhecimento enciclopédico, dono de todos os saberes de sua época, já deixou de existir há muito tempo. O que está deixando de existir também é o homem de saber único, dono de um conhecimento que ninguém mais possui. Estamos entrando em uma época em que todo conhecimento é compartilhado – não apenas no sentido de que todas as pessoas de um mesmo grupo detenham o mesmo conhecimento, por menor que seja o grupo – mas no sentido de que o conhecimento é distribuído entre as pessoas, tocando a cada um uma parte do todo. Parece que quanto mais semelhantes forem essas partes, em tamanho – ou seja, quanto mais igualitária for a distribuição – melhor e maior será o conhecimento. Na medida que o conhecimento existe coletivamente, ninguém pode dizer que tem um saber melhor do que o do outro, ou mais útil ou mais verdadeiro. Ele é igual em todos esses aspectos; difere apenas na complementação. O que o indivíduo sabe não é igual ao que o outro sabe – e nem totalmente diferente – é complementar, como as partes de um quebra-cabeças. Quando todos sabem a mesma coisa, ninguém sabe nada. Por outro lado, quando todos sabem coisas totalmente diferentes, o conhecimento também deixa de existir porque não pode circular – há falta de um ponto de contato entre as pessoas para que o conhecimento passe de um para outro. Para manter o equilíbrio entre um extremo e outro é preciso, portanto, que se compartilhe o conhecimento, formando uma rede igualmente distribuída entre cabeças diferentes. Nada é único na natureza; nada funciona de modo autônomo e independente – quer seja uma máquina, uma pessoa, um país ou a pesquisa necessária para produzir o conhecimento.

Tudo, em algum momento, é nóculo de uma rede maior, que para existir precisa dos outros nóculos.

Estamos caminhando para um mundo em que não só o conhecimento funciona em rede, mas a própria inteligência; deixamos de ser inteligentes como indivíduos para sermos inteligentes como grupo. Processos de natureza cognitiva interna como o insight, o raciocínio e o próprio pensamento transbordam do indivíduo para o coletivo. Se quando partimos para uma investigação, somos obrigados a fazer um corte da realidade para definir o nosso nicho de pesquisa, logo descobrimos que esse nicho, ainda que drasticamente recortado, precisa ser abordado coletivamente para produzir resultados relevantes. Além da complexidade do próprio nóculo selecionado, há também a necessidade de avaliar as repercussões que a pesquisa pode encadear nos outros nóculos da rede. Eu diria, usando mais uma metáfora, que a ciência não é um arquipélago, com ilhas isoladas – de competência ou não; a ciência é um continente onde tudo está intimamente relacionado. A essência do conhecimento é a interdisciplinaridade. De onde decorre, portanto, duas coisas: (1) a necessidade do trabalho coletivo, (2) a importância da Lingüística Aplicada como área de saber interdisciplinar.

### 3. Fusões

A natureza interdisciplinar da nossa área, a capacidade de trabalharmos em plataformas móveis, nossa especialização na diversidade, a meu ver, nos habilita a trabalhar num mundo que está em constante processo de fusão. A fusão, seja ela entre empresas, países, raças, ou mesmo línguas, se inevitável por um lado, é traumatizante por outro; as pessoas podem perder seus empregos, ver sua identidade ameaçada e, em alguns casos assistir ao desaparecimento de sua língua. Sabemos que várias línguas já sumiram da face da Terra e outras estão sendo invadidas pelas línguas

hegemônicas, num fenômeno que Skutnabb-Kangas (2000) define como genocídio lingüístico.

Pretendo ser um pouco mais moderado e menos pessimista na minha exposição de algumas fusões que acredito estar ocorrendo na área da Lingüística Aplicada e para as quais acho que devemos estar preparados.

Algumas dessas fusões já aconteceram e parecem que foram bem absorvidas. Um bom exemplo é a pesquisa ação, que funde o ensino com a pesquisa, e que era totalmente inaceitável há alguns anos – mas que hoje já parece quase universalmente aceito, em que pese a restrição de alguns pesquisadores (Ex.: Ferreiro, 2001).

O que caracteriza o processo de fusão é a unificação da diversidade: dois elementos que eram distintos unem-se para formar um terceiro, incorporando traços dos elementos formadores, mas não necessariamente de modo equilibrado. Haverá sempre eliminação de alguns traços, que pode ser maior para um lado do que para o outro, embora geralmente fique pelo menos alguns traços de cada um dos elementos originais. Quando um país colonizador, por exemplo, impõe sua língua ao país colonizado, haverá sempre elementos da língua colonizada que serão incorporados pela língua imposta.

É óbvio que qualquer tentativa de unificação provoca sempre uma reação contrária de dispersão. A natureza humana parece marcada por essa dualidade: de um lado, uma força centrípeta que unifica e puxa para o centro, unindo a todos numa grande comunhão; do outro, uma força centrífuga, que separa e dispersa. É como se a história da humanidade fosse uma seqüência de contração e expansão. Atualmente, devido ao processo de mundialização e a crescente necessidade de comunicação entre as pessoas, parece que estamos vivendo um momento de contração, com predominância da força centrípeta e unificadora, o que favorece as fusões.

Essas fusões ocorrem predominantemente no mundo geográfico e físico, incluindo o local e

tipo de trabalho, onde são mais aparentes e inquestionáveis; mas há também fusões no mundo das idéias, embora aí possam ser vistas mais como propostas teóricas, sujeitas a rejeição, do que fatos evidentes e inquestionáveis. Para concluir esta apresentação, vou destacar, e comentar rapidamente, seis dessas fusões: duas teóricas e quatro práticas.

No âmbito da teoria, temos (1) a fusão da inteligência com a emoção e (2) a fusão da mente computacional com a mente social. No âmbito da prática, eu destacaria quatro: (1) presencial com distante, (2) docência com produção de materiais, (3) escola com empresa e (4) infância com terceira idade. Não pretendo aqui apresentar essas seis fusões como uma proposta de programa para a Lingüística Aplicada, mas como um convite inicial à reflexão, em bases que considero bem gerais, e que permitem, portanto, o encaixe de propostas mais específicas ou de diferentes perspectivas teóricas. Defende-se a relevância dessas questões, como tópicos de interesse para serem trabalhados, mas deixa-se totalmente em aberto como essas questões podem ser abordadas, se pela análise do discurso, pela psicolingüística, pela sociolingüística interacional, ou qualquer outra subárea de conhecimento.

As fusões teóricas são as mais complicadas e envolvem um grau maior ou menor de rejeição, sendo, portanto, menos consensuais. Nem todos vão concordar que seja possível, por exemplo, juntar, nos estudos do desenvolvimento da linguagem, o modelo da mente computacional, baseado nas idéias inatistas de Chomsky, com o modelo da mente social, baseado na teoria sociocultural de Vygostky. Na medida, porém, em que ambos os modelos estudam os mesmos problemas, a fusão poderia ser benéfica, permitindo compartilhar os achados, já que, segundo Frawley (2000) o que falta num modelo pode ser encontrado no outro e vice-versa.

A fusão da inteligência com a emoção parte do pressuposto de que deve haver prazer na aprendizagem. A hipótese de que o prazer

pode ativar as sinapses entre os neurônios (Prado, 1998) é fundamental aqui; não apenas se fixam mais dados na memória mas se facilita a circulação desses dados – um problema que está na base do desenvolvimento da inteligência. Emoção sem inteligência é irracional, e pode ser até extremamente perigosa. Transforma-se numa força bruta que pode levar, por atos arbitrários, até ao extermínio de uma nação, de uma raça ou de uma língua. Por outro lado, inteligência sem emoção não tem força. É fria e estéril; pode inchar mas não cresce. Fica balofa e morre. Mas se a inteligência estiver unida com a emoção ela pode mover, que é justamente um significado que está na origem da palavra emoção. Logo, partindo de uma perspectiva puramente biológica, já é possível a fusão da inteligência com a emoção. No âmbito das relações sociais, a fusão torna-se desejável e necessária. No ensino de línguas me parece imprescindível, na medida em que esse ensino envolve não só questões de consciência crítica, mas também de atitude.

No mundo da prática, há também algumas fusões que precisam ser feitas. Estamos numa época em que podemos, com certa facilidade, fundir proximidade com distância; eu posso estar aqui e em vários outros lugares ao mesmo tempo, não só me replicando para ser visto e ouvido, de modo passivo, mas também para ver e ouvir, de modo ativo, interagindo com as pessoas – não só de maneira síncrona mas também assíncrona, permitindo que a interação ocorra em diferentes lugares e horários. Essa fusão do presencial com o distante possibilitou algo que se convencionou chamar de Educação a distância e que é vista por alguns como uma substituição do ensino presencial. Acho que o ensino não deve ser apenas presencial nem apenas a distância, mas dos dois modos. Qualquer curso ministrado presencialmente, qualquer projeto de melhoria de ensino ou de pesquisa, deverá ter pelo menos um acervo de textos e atividades armazenado em algum lugar de fácil acesso e que o aluno possa consultar quando tiver alguma dúvida ou precisar de ajuda.

Relacionado à questão do ensino a distância, está a questão da produção de materiais de ensino. Eu parto do princípio de que deve haver uma mediação entre o objeto a ser aprendido e o aluno. No caso típico da aprendizagem de uma língua estrangeira, embora isso também sirva para a língua materna, não basta pôr o aluno em contato direto com um exemplo de uso da língua; é preciso tornar a língua compreensível para o aluno. Isso é feito basicamente pela mediação de materiais de ensino, incluindo explicações, sugestão de estratégias, fornecimento de pistas, etc. Por maior que seja a massificação do consumo, por mais que se tente padronizar as relações entre as pessoas – e talvez por uma reação natural ao que é impingido – mais as pessoas, incluindo os aprendizes, sentem-se no direito de exigir um tratamento personalizado, que leve em consideração não só suas necessidades mas também seus interesses. O atendimento a esses dois aspectos – necessidades e interesses – não pode ser feito através do uso de materiais que são produzidos em massa; é preciso no mínimo uma adaptação do material já existente pelo professor, embora a melhor solução seja produzir o próprio material. Eu não proporia essa fusão de ensino com produção de materiais há alguns anos, embora ela já exista desde o tempo da máquina de escrever e do mimeógrafo a álcool. Hoje, com a tecnologia existente, ela é improrrogável. Traz vantagens não só para o aluno, que poderá ser atendido em suas necessidades mais específicas, mas também para o professor, que descobrirá o prazer de produzir seus próprios materiais de ensino.

É claro que a Lingüística Aplicada não está restrita ao ensino da língua, materna ou estrangeira; envolve também o ambiente de trabalho. O conhecimento não é mais uma exclusividade da escola. Existe já uma indústria do conhecimento, onde o investimento no saber que as pessoas possuem é muito maior do que o investimento na aquisição de matérias primas. Saber, hoje, é mais importante do que ter, e envolve desde

o desenvolvimento de novas literacias, muito além da alfabetização, até o domínio de várias línguas. A linguagem perpassa essas diferentes competências do mundo do trabalho, nas mais diversas interações para a transmissão do conhecimento, não só entre subjetividades, mas também entre o homem e a máquina e possivelmente até entre máquinas. Existe já uma engenharia lingüística altamente desenvolvida, voltada para o processamento automático da linguagem. Não podemos – e nem devemos – impedir que o conhecimento não saia da escola, mas também seria desastroso para a sociedade deixar que o conhecimento ficasse apenas na empresa, para uso particular. O conhecimento gerado nessas condições já sabemos que não é socializado; é vendido e, às vezes por um preço muito caro. Precisamos nos dar conta de que a Lingüística Aplicada, hoje, vai muito além dos muros da universidade. Temos a obrigação de pelo menos monitorar esses diferentes contextos profissionais, onde a linguagem está sendo desenvolvida e pesquisada.

Finalmente, para encerrar, vamos a última proposta de fusão, que envolve a questão da terceira idade – um segmento da população que não está mais preocupado apenas com planos de aposentadoria e de assistência médica; têm também uma preocupação com vários aspectos da linguagem, incluindo a aprendizagem de línguas estrangeiras. São necessidades lingüísticas diferentes daquelas expressas por crianças e adultos, talvez, por um lado voltando até aos objetivos da infância, com ênfase maior no lazer, mas, por outro, com um grau maior de sofisticação e de exigência.

Não quero puxar a brasa só para a nossa sardinha, mas considerando todos esses aspectos – a capacidade de trabalhar na diversidade, uma metodologia dinâmica de pesquisa, sensibilidade para responder aos problemas da linguagem – entendo que a Lingüística Aplicada é a área de conhecimento que parece mais bem preparada para dar um retorno à sociedade. Isso faz com que a área

não só esteja vivendo um grande momento, mas faz também gerar uma grande responsabilidade. Nosso grande compromisso no momento é assumir essa responsabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *O pintor de retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- CHRISTIAN, Donna. Applied Linguistics in 2000 and Beyond. Trabalho apresentado no *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*, Los Angeles, Janeiro de 1999.
- FRAWLEY, William. *Vygotsky e a ciência cognitiva; Linguagem e integração das mentes social e computacional*. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FERREIRO, Emilia. *Cultura escrita e educação; Conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- PAYRATÓ, Lluís. *De profesión, lingüista; panorama de la lingüística aplicada*. Barcelona: Ariel, 1998.
- PRADO, Flávio de Almeida. *Prazer, a energia dos vencedores*. São Paulo: Mercuryo, 1998.
- Rampton, Ben. Politics and Change in Research in Applied Linguistics. *Applied Linguistics*, v. 16, n. 2, p. 233-256, 1995.
- Skutnabb-Kangas, Tove. *Linguistic Genocide in Education; Or Worldwide Diversity and Human Rights*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- Tucker, G. Richard. Applied Linguistics. [<http://www.Isadc.org/web2/flldr.htm>], 1996.